

Aonde a gente vai, papai?

JEAN-LOUIS FOURNIER

Aonde a gente vai, papai?

TRADUÇÃO DE MARCELO JACQUES DE MORAES



Copyright © 2008 Éditions Stock

TÍTULO ORIGINAL

Où on va, papa?

PROJETO GRÁFICO DE CAPA E MIOLO

Retina 78

REVISÃO

Antonio dos Prazeres

Umberto Figueiredo Pinto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F861a

Fournier, Jean-Louis

Aonde a gente vai, papa? / Jean-Louis Fournier; tradução de Marcelo Jacques de Moraes. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

Tradução de: Où on va, papa?

ISBN 978-85-98078-50-2

1. Fournier, Jean-Louis. 2. Escritores franceses - Biografia. 3. Pais de crianças deficientes - França - Biografia. 4. Pai e filho - França - Biografia. I. Moraes, Marcelo Jacques. II. Título.

09-2259.

CDD: 848

CDU: 821.133.1-94

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua dos Oitis, 50

CEP 22451-050 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Querido Mathieu,
Querido Thomas,

Quando vocês eram pequenos, tive algumas vezes, nos Natais, a tentação de lhes dar um livro. Um *Tintim*, por exemplo. Poderíamos ter falado dele juntos. Conheço bem *Tintim*, li todos, várias vezes.

Nunca fiz isso, não valia a pena, vocês não sabiam ler. Vocês nunca saberiam ler. Até o fim, seus presentes de Natal seriam cubos ou carrinhos...

Agora que Mathieu se foi, para buscar sua bola num lugar em que não poderemos mais ajudá-lo a pegá-la, agora que Thomas, que continua na Terra, está com a cabeça cada vez mais nas nuvens, vou lhes dar, mesmo assim, um livro. Um livro que escrevi para vocês. Para que não sejam esquecidos,

para que não sejam apenas uma foto numa carteira de invalidez. Para escrever o que eu nunca disse. Talvez os remorsos. Não fui um pai muito bom. Com frequência, não conseguia suportá-los, era difícil amar vocês. Com vocês, era preciso uma paciência de santo, e não sou um santo.

Para lhes dizer que lamento que não tenhamos podido ser felizes juntos, e talvez, também, para pedir desculpas por ter falhado com vocês.

Não tivemos sorte, vocês e nós. Caiu do céu, isso é que é azar.

Vou parar de me queixar.

Quando se fala de crianças deficientes, assume-se um ar circunspecto, como quando se fala de uma catástrofe. Ao menos uma vez eu gostaria de falar de vocês com um sorriso. Vocês me fizeram rir, nem sempre involuntariamente.

Graças a vocês, tive algumas vantagens em relação aos pais de crianças normais. Não me preocupei com seus estudos nem com sua orientação profissional. Não tivemos de hesitar entre uma carreira científica ou literária. Nem de nos inquietar

quanto ao que vocês fariam mais tarde – soubemos rapidamente o que seria: nada.

E principalmente, durante muitos anos, tive o benefício da isenção de impostos sobre veículos.* Graças a vocês, pude andar em enormes carros americanos.

* Na França, os pais de crianças deficientes que dispunham de uma carteira de invalidez permanente eram isentos do imposto anual sobre veículos. A partir de 1991, data da suspensão do imposto, deixou de ser interessante ter filhos deficientes.

Depois que entra no Camaro, Thomas, dez anos, repete, como sempre: “Aonde a gente vai, papai?”

No início, respondo: “Vamos para casa.”

Um minuto depois, com a mesma candura, ele faz de novo a mesma pergunta, sem ênfase. No décimo “Aonde a gente vai, papai?”, não respondo mais...

Não sei mais muito bem aonde vamos, meu pobre Thomas.

Vamos por água abaixo. Vamos direto para o paredão.

Um filho deficiente, depois dois. Por que não três...

Eu não esperava por isso.

Aonde a gente vai, papai?

Vamos pegar a estrada, na contramão.

Vamos para o Alasca. Vamos acariciar os ursos.
Vamos nos fazer devorar.

Vamos pegar cogumelos. Vamos colher *Amanita phalloides* para fazer uma boa omelete.

Vamos à piscina, vamos mergulhar do grande trampolim, em um tanque em que não há água.

Vamos para o mar. Vamos para o monte Saint-Michel. Vamos passear na areia movediça. Vamos nos atolar. Vamos para o inferno.

Imperturbável, Thomas continua: “Aonde a gente vai, papai?” Talvez ele bata o próprio recorde. Depois da centésima vez, a coisa fica realmente irresistível. Com ele, a gente não se entedia, Thomas é o rei do bordão.

Aqueles que nunca tiveram medo de ter um filho que não fosse normal que levantem a mão.

Ninguém levantou.

Todo mundo pensa nisso como pensa num terremoto, como pensa no fim do mundo – algo que só acontece uma vez.

Eu tive dois fins do mundo.

Quando olhamos para um recém-nascido, ficamos contemplativos. Como é benfeito. Olhamos para as mãos, contamos os dedos minúsculos, percebemos que há cinco em cada mão, o mesmo em cada pé. Ficamos siderados – nem quatro nem seis, não, só cinco. É, a cada vez, um milagre. Isso sem falar no que há lá dentro, ainda mais complicado.

Fazer um filho é correr um risco... Nem sempre ganhamos. No entanto, continuamos a fazê-los.

A cada segundo, sobre a Terra, uma mulher dá à luz um filho... Definitivamente, é preciso encontrá-la e lhe dizer que pare, acrescentou o humorista.

Ontem, fomos ao convento de Abbeville apresentar Mathieu à tia Madeleine, que é religiosa carmelita.

Fomos recebidos no locutório, um pequeno cômodo caiado de branco. Na parede do fundo havia uma abertura fechada por uma cortina pesada. Não era vermelha, como no teatro de Guignol – era negra. Ouvimos uma voz que saía detrás da cortina, que disse: “Bom dia, crianças.”

Era tia Madeleine. Ela é enclausurada, não tem permissão de nos ver. Conversamos um pouco com ela, que depois quis ver Mathieu. Pediu que pusessemos o moisés diante da abertura e que, em seguida, nos virássemos para a parede. As irmãs enclausuradas têm o direito de ver as crianças pequenas, não as grandes. Ela então chamou as religiosas para admirar seu sobrinho-neto. Ouvimos o farfalhar

dos hábitos, tagarelices e risos, depois o ruído da cortina que se abriu. Houve então um concerto de louvores, de cosquinhas para cá e para lá na divina criança. “Ele é uma gracinha! Olhe, Madre, está sorrindo para nós, parece um anjinho, um pequeno Jesus...!” Por pouco não disseram que parecia uma criança precoce.

Para as religiosas, as crianças são, acima de tudo, criaturas do bom Deus; são, portanto, perfeitas. Tudo o que Deus faz é perfeito. Elas não querem ver os defeitos. Além disso, trata-se do sobrinho-neto da Madre Superiora. Em certo momento, tive a tentação de me virar para dizer-lhes que não precisavam exagerar.

Não fiz isso, ainda bem.

Ao menos uma vez o pobre Mathieu ouvia elogios...

Nunca esquecerei o primeiro médico que teve coragem de anunciar para nós que Mathieu, definitivamente, não era normal. Ele se chamava professor Fontaine, foi em Lille. Disse-nos que não podíamos nos iludir. Mathieu era retardado, seria sempre retardado; de modo que não havia nada a fazer: ele era deficiente, física e mentalmente.

Naquela noite, não dormimos bem. Lembrome de ter tido pesadelos.

Até então, os diagnósticos tinham permanecido imprecisos. Mathieu era retardado. Tinham-nos dito que era apenas físico, que ele não tinha problema mental.

Vários parentes e amigos tentavam, muitas vezes de modo desastrado, nos tranquilizar. A cada vez que o viam, diziam-se surpresos com os pro-

gressos que ele fazia. Recordo-me de um dia lhes ter dito que ficava surpreso com os progressos que ele não fazia. Eu olhava para os filhos dos outros.

Mathieu era mole. Não conseguia manter a cabeça ereta, como se o pescoço fosse de borracha. Enquanto os filhos dos outros se aprumavam, arrogantes, para exigir comida, Mathieu continuava deitado. Ele nunca tinha fome, era preciso uma paciência de santo para fazê-lo comer, e com frequência ele vomitava no santo.

Se uma criança que nasce é um milagre, uma criança deficiente é um milagre ao contrário.

O pobre Mathieu não enxergava muito bem, tinha os ossos frágeis, os pés, tortos, tornou-se rapidamente corcunda. Os cabelos eram espetados, ele não era bonito e, acima de tudo, era triste. Era difícil fazê-lo rir, ele repetia como uma cantilena: “Ah, lá, lá, Mathieu... Ah, lá, lá, Mathieu...” Às vezes, tinha crises de lágrimas dilacerantes, como se sofresse atrozmente por não poder nos dizer nada. Sempre tivemos a impressão de que entendia o próprio estado. Devia pensar: “Se eu soubesse, não teria vindo.”

Queríamos poder tê-lo defendido da sorte que se havia agarrado a ele. O mais terrível é que não podíamos fazer nada. Não podíamos sequer conso-

lá-lo, dizer-lhe que o amávamos assim como era – tinham-nos dito que ele era surdo.

Quando penso que sou o autor dos dias dele, dos dias terríveis que ele passou na Terra, que fui eu quem o fez vir, tenho vontade de lhe pedir desculpas.

Como se reconhece uma criança que não é normal?

Ela parece meio sem contornos, disforme.

Como se a olhássemos através de um vidro fosco.

Não há vidro fosco.

Ela jamais será nítida.

Uma criança que não é normal não tem uma vida muito divertida. Começa mal, desde o início.

A primeira vez que abre os olhos, vê, debruçados sobre o berço, dois rostos olhando para ela, aterrados. O pai e a mãe. Eles estão pensando: “Fomos nós que fizemos isto?” Não parecem muito orgulhosos.

De vez em quando, eles se engalfinham, cada um joga a responsabilidade sobre o outro. Descubrem, empoleirado nas árvores genealógicas, um bisavô ou um velho tio alcoólatra.

Às vezes, eles se separam.

Mathieu faz sempre “vrum-vrum” com a boca. Ele acha que é um carro. O pior é quando faz as 24 Horas de Le Mans.*

E faz o percurso a noite inteira sem silencioso.

Fui várias vezes dizer a ele que desligasse o motor, sem sucesso. É impossível fazê-lo ponderar.

Não consigo dormir, no dia seguinte preciso me levantar cedo. Às vezes, vêm-me à cabeça ideias terríveis, tenho vontade de jogá-lo pela janela, mas moramos no térreo – de nada adiantaria, continuaríamos a ouvi-lo.

Eu me consolo pensando que as crianças normais também não deixam os pais dormirem.

Bem feito para eles.

* Tradicional corrida francesa de circuito de rua, com 24 horas de duração. (*N. do T.*)

Mathieu não consegue ficar aprumado. Falta-lhe tônus muscular, ele é mole como uma boneca de pano. Como vai se desenvolver? Como ele será quando crescer? Será que teremos de contratar um tutor?

Pensei que ele pudesse ser mecânico. Mas mecânico deitado. Daqueles que consertam a parte de baixo dos carros nas oficinas em que não há elevador hidráulico.

Mathieu não tem muitas distrações. Não vê televisão, não precisou dela para ser deficiente mental. É evidente que não lê. A única coisa que parece deixá-lo um pouco feliz é a música. Quando ouve música, ele bate na bola, como num tambor, no ritmo.

A bola desempenha um papel enorme em sua vida. Ele passa o tempo todo jogando-a para lugares onde sabe que não poderá pegá-la sozinho. Vem então nos buscar, leva-nos pela mão ao lugar onde a jogou. Pegamos a bola e damos a ele. Cinco minutos depois, ele volta para nos buscar, jogou a bola novamente. É capaz de repetir a mesma artimanha dezenas de vezes ao dia.

É, certamente, a única maneira que encontrou de criar um laço conosco, para que o seguramos pela mão.

Agora Mathieu se foi, para buscar a bola sozinho. Jogou-a longe demais. Em um lugar em que não poderemos mais ajudá-lo a pegá-la...

O verão está chegando. As árvores florescem. Minha mulher espera um segundo filho, a vida é bela. Ele chegará na época dos abricós. Esperamos com impaciência e com certa inquietação.

Minha mulher está, evidentemente, preocupada. Para não me angustiar, ela não ousa dizê-lo. Eu ouso. Sou incapaz de guardar minhas angústias para mim mesmo, preciso dividi-las. Não pude evitar. Lembro-me de ter dito a ela, com meu tato habitual: “Imagine se este também não for normal.” Eu não queria apenas alegrar o ambiente, mas, principalmente, me tranquilizar e afastar a má sorte.

Achava que isso não aconteceria uma segunda vez. Sei que quem bem ama, bem castiga, mas não acho que Deus me ame tanto; sou egocêntrico, mas não a esse ponto.

No caso de Mathieu, devia ter-se tratado de um acidente, e um acidente só acontece uma vez; em princípio, não se repete.

Parece que as desgraças acontecem àqueles que não as esperam, que não pensam nelas. Então, para que não acontecesse, pensamos naquilo...

Thomas acabou de nascer, ele é lindo, louro de olhos negros, com o olhar vivo, sorri o tempo todo. Nunca esquecerei minha alegria.

Ele é muito bem acabado, um objeto precioso e frágil. Tem os cabelos dourados, parece um anjinho de Botticelli. Não me canso de tomá-lo em meus braços, apalpá-lo, brincar com ele, fazê-lo rir.

Lembro-me de ter confidenciado a amigos que, dessa vez, eu tomava consciência do que era ter um filho normal.